

José Régio — Casais Monteiro

P O E T A S

por Mando Martins

Panorama Literária

Os dois mais originais poetas da nossa literatura actual. Com o valor grande de estarem em idade de realizar criações novas e de arderem em inquietações na ânsia de produzir a obra prima, definitiva, que ainda não veio. Fora dos caminhos tapados das escolas oficiais, Régio e Casais estão acima dos outros, por isto: têm direcção. Um e outro criaram uma forma de dizer sua e marcaram predilecção por temas invulgares.

Régio trabalha cuidadosamente rimas fáceis, ordena construções de clássica perfeição, domando hábilmente a palavra. O conteúdo dos seus versos resulta muitas vezes de composições vocabulares. Casais pouco se prende à forma, os seus versos livres caminham desatados buscando a definição do pensamento.

No conteúdo cada um dos poetas segue uma direcção de ideias diversa.

Régio é o poeta de si. Quasi todos os seus versos cantam as baixezas e heroísmos banais do seu eu enorme. A força de se analisar e olhar as suas preocupações a sua personalidade incha, alarga-se e imprime-se em tudo: «ai que me não sei maneira de deixar de ser imenso». Esta personalidade, deformada em ampliação, enche livros inteiros, vasada em primorosos versos de sabor estranho.

A tragédia do homem que se encontrou a existir e se doia na tortura de querer saber o que é e para onde caminha. A inquietação diante de ser e o continuo diálogo de si para consigo próprio. A poesia de Régio é uma casa fechada sem janelas para a rua; lá dentro às escuras um homem torce-se em combates e dores que não procuram a comunicação para se lavarem em amor humano. Esta submissão do mundo ao eu do autor e a constante obsecção de si, dão às produções bem trabalhadas de Régio, numa arquitectura inútil, a sensação dum estéril esforço em dizer inquietações comesinhadas.

O sofrimento e a alegria são úteis quando comunicados aos outros através duma compreensão humana, fazendo-os sentir a quem os lê através da compreensão comum; só são úteis quando fazem sofrer e rir os outros com uma finalidade humana. Ora os versos de Régio com os seus delírios de espectáculo, os histerismos malucos que jorram em sinceridade impetuosa do fundo da sua tortura egoísta, do seu eu obsecado de si, não comovem o leitor, nem lhe transmitem humanamente a dor que os produziu. Fica-se admirado do estranho feitio do poeta, fica-se gostoso do saber dos seus versos—que não se sentem.

E' pena que um poeta de tanto talento não construa numa ânsia mais universal, vibrando nos seus versos a inquietação do que é colectivo dentro de si, a angústia do Homem que quer atirar aos outros o seu abraço social; e que olvide todas as lutas e aspirações do homem de hoje, mais massa do que em qualquer outra época, desorientado e dominado pela necessidade rápida de se decidir ante caminhos contraditórios que lhe prometem felicidade.

Régio forja um anel em roda de si, e as suas poesias correm à volta a redizê-lo, a descrever as suas cerebrações de poeta egoísta.

As suas poesias são belas como êsses maravilhosos objectos de luxo das salas de visitas ricas, muito belos mas inúteis para qualquer coisa.

Têm uma direcção—a sua pessoa; o comprimento dessa direcção—a extensão de si próprio.

Menos perfeito na forma—Casais Monteiro. O poeta mais Homem da nossa literatura. Os seus versos de domínio e de certeza são gritos dum animal que ama brutalmente a vida.

A sua inquietação humana, embora se descreva em frases de cunho individual e miúdos pormenores interiores, no fim da poesia vem abrir-se sempre numa risada saudável, de força, de entusiasmo pela vida, de amor profundo pelo imenso mundo do sol.

Os seus poemas de amor, longe dos exageros temperamentais da Carta de Amor de José Régio, têm a audácia viril duma simples união entre Homem e Mulher, com franqueza carnal e com saúde.

A direcção desta poesia é útil—a vida soberba e áspera, o trabalho, o domínio e tempera boa na luta; e, ainda, a marcha para a decisão social, a vibração do colectivo no homem que quer realizar-se em afirmação certa.

E' pena que o poeta, mesmo no último livro, se mantenha homem individual em muito maior quantidade que homem colectivo. O defeito dessa poesia, o defeito de quasi todos os escritores de «Presença» (Régio é o mais claro), é a confusão de descrição das ideias, o estilo escuro, só compreensível depois da segunda ou terceira leituras cuidadas.

Há muitos rapazes que os não apreciam por esta falta de facilidade em entrar nelas, pela sua compreensão incómoda. Um escritor deve escrever claro para ser entendido pelo maior número, para que a propaganda das suas ideias (toda a arte é propaganda de ideias) não seja prejudicada pelo inacessível da forma.

E' pouco honesto escrever difícil e obscuro, sabendo-se que há muitos indivíduos que nos não compreendem sem culpa sua, que não podem aproveitar das ideias que atiramos para o papel no meritório intento de sermos úteis ao próximo. Régio e Casais são duas atitudes humanas: a contemplação interior do homem absorvido em si e que de dentro de si não sai; a preocupação interior que sai para a comunicação social em férteis abraços de contacto humano. Espero, e comigo muitos rapazes, que Régio se faça mais social e comunicativo, a olhar para o mundo porque há muitas dores além da sua e Casais mais preciso em clareza, mais aberto à compreensão dos que querem saboreá-lo e entendê-lo.

■ A «*Livraria Progredior*», Pôrto, teve a gentileza de enviar-nos A Minha 1.^a Viagem à Lua, novela, de Fanny Lorraine.—Achamos imensa graça, não à novela propriamente, (que do livro «Da terra à Lua», de Júlio Verne, só difere... em ser muito inferior), mas ao facto—que julgamos inédito—, de inserir, como se fizessem parte do texto, uns anúnciosinhos a licôres, vinhos e relógios...

■ História de uma Catedral, é um belo trabalho de João Barreira, que estuda as origens e a evolução que sofreram as construções das catedrais, consequência do espírito religioso medieval e reflexo da evolução artística, científica e social da Idade Média. (Cadernos da «Seara Nova»—Lisboa).

■ Vai ser em breve posta à venda a mais importante das obras poéticas de Mário de Sá Carneiro: Indícios de Ouro, que até hoje se manteve inédita e inclui os seus últimos poemas.—Edições «Presença» — Pôrto.

■ Dos «Textos Literários», edição «Seara Nova», saiu: Vida do Arcebispo, de Frei Luís de Sousa, com uma resenha biográfica do autor e notas, por Agostinho da Silva.

■ Acabam há pouco de reunir-se, em Paris, livreiros, editores, autores, críticos, o ministro da Educação e outras individualidades, com o fim de, num mútuo acôrdo, tomarem medidas que terminem, duma vez para sempre, com a grave crise do livro francês.—Por cá, a crise, é tão ou mais terrível. Pois não se faz nada. Apenas um ou outro editor ou autor, de vez em quando se permite hostilizar o crítico ou jornal literário que, na melhor das intenções, tenha claramente afirmado o que pensa sobre a maneira como em Portugal se tem ajudado a crise, em vez de a combater.